

## A influência do rádio na carreira de Marinês: “Luiz Gonzaga de Saia”<sup>1</sup>

Claudeci Ribeiro da Silva<sup>2</sup>  
Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande (PB)

### Resumo

O Rio de Janeiro e São Paulo sempre se destacaram como centro cultural e de expressão da música, projetando muitos artistas através das emissoras de rádio e da indústria fonográfica, inclusive da região Nordeste, com o auge do baião na década de 1950. No ano que completa nove anos da morte da pernambucana Marinês vamos destacar neste artigo a projeção da cantora que chegou ao Sudeste no ano de 1956, influenciada pelo sanfoneiro Luiz Gonzaga e foi coroada como “Rainha do Xaxado”. A partir do título e das indumentárias usadas nos shows Marinês passou a ser representante da sua região de origem, ajudando a divulgar a cultura e a música do Nordeste no mercado nacional. Foram 63 discos lançados em 50 anos de carreira, reunindo xotes, marchas, xaxados, baião e quadrilhas – ritmos que compõem o forró. Os pressupostos teóricos para o artigo foram Santos (2004), Silva (2003), Dreyfus (1996) e Ferretti (1998).

**Palavras-chave:** Rádio; mercado nacional; Marinês; música do Nordeste

### A música do Nordeste no mercado nacional

A mídia teve grande influência na história da música nordestina no Sudeste e no mercado nacional. Um dos grandes marcos ocorreu com o auge do baião (1948 – 1954), ritmo que teve como maior representante Luiz Gonzaga, o “Rei do Baião”<sup>3</sup>. Nesse período, segundo Ferretti (1988, p. 73), o baião tornou-se o ritmo da moda, conquistando intérpretes, compositores e dominando o mercado da música popular brasileira.

De acordo com Santos (2005) e Ferretti (1998), Luiz Gonzaga foi o responsável pela estilização do baião e deu-lhe divulgação nacional, representando através da música, a região nordestina. Mas, é importante ressaltar que, no início da carreira do sanfoneiro no Rio de Janeiro, na década de 1940, a cultura nordestina não constituía o tema principal do

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 5 – Rádio, TV e Internet do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 07 a 09 de julho de 2016.

<sup>2</sup> Mestre em Literatura e Interculturalidade; professora do curso de Jornalismo da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB); [claudediribeiro094@gmail.com](mailto:claudediribeiro094@gmail.com)

<sup>3</sup> Luiz Gonzaga era uma migrante nordestino no Rio de Janeiro, tentando alcançar notoriedade e sucesso através da música. Ele nasceu na fazenda da Caiçara, em 13 de dezembro de 1912, no município de Exu/Pernambuco, região da Serra do Araripe (DREYFUS, 1996, p. 31)

seu repertório. Dreyfus no livro *a Vida do Viajante: a Saga de Luiz Gonzaga* mostra o seguinte sobre do repertório de Gonzaga:

O sanfoneiro estava trabalhando um repertório mais comercial, baseado nos sucessos do momento: tangos de Carlos Gardel, blues, foxtrote, valsas de Antenógenes Silva, canções de Augusto Calheiros, de Charles Trenet, enfim, todos os sucessos da época [...] (DREYFUS, 1996, p. 79)

Na época, a cidade do Rio de Janeiro, capital da República, era o polo aglutinador de diversos artistas e ritmos musicais, além de concentrar inúmeros veículos de comunicação, entre eles o rádio<sup>4</sup>, que investia em sua programação, nos programas de calouros, responsáveis pela revelação de muitos artistas. Luiz Gonzaga não ficou de fora e começou a frequentar os programas de Renato Murce (Rádio Clube) e Ary Barroso (Tupi), imitando Augusto Calheiros, Antenógenes Silva e Carlos Gardel, músicos de sucessos na época, tocando chorinho, valsinha e até mesmo samba.

O sucesso do baião no mercado fonográfico possibilitou que artistas intérpretes de músicas consideradas urbanas gravassem o novo gênero. Segundo Santos (2004, p. 51), entre os artistas que a ele aderiram destacam-se Jamelão, Ivon Curi, Carmélia Alves – considerada a “Rainha do Baião” –, Carmen Miranda, que gravou *Asa Branca* em Hollywood, e Isaura Garcia. Mas, conforme Santos, o alcance proporcionado pela música de Luiz Gonzaga e a consequente divulgação de elementos da cultura nordestina estão relacionadas à época de ouro do rádio (décadas de 1940 e 1950) – essencial meio de comunicação de massa no período. Ele acrescenta que:

Na década de 1940, de acordo com o projeto governamental que consistia na busca da integração nacional, às principais rádios – Nacional, Tupi, Rádio Clube, Mayrink Veiga e Tamoio – estavam com suas programações voltadas à música regional brasileira. Fazia parte da atuação dessas emissoras um número expressivo de programas que apresentavam a temática regional, com destaque para: *Incrível, Fantástico, Extraordinário* (apresentado por Almirante); *Música Brasileira pela Nacional* (Paulo Tapajós); *Alma do Sertão* (César

<sup>4</sup> Me refiro ao Rádio como meio de comunicação e de grande abrangência geográfica, que se consolidou na década de 1930. Oficialmente, a radiodifusão no Brasil começa em 7 de setembro de 1922, quando foram realizadas transmissões, no Rio de Janeiro, durante as comemorações do Centenário da Independência (ORTRIWANO, 1985, p.13). Por falta de um projeto, a radiodifusão se efetiva com Roquette Pinto no dia 20 de abril de 1923, quando da inauguração da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro.

Alencar); e *a Noite na Roça e A Hora Sertaneja* (ambos apresentados pelo radialista Zé do Norte) (SANTOS, 2004, p. 54-55)

A participação da Rádio Nacional na divulgação do baião e de Luiz Gonzaga foi fundamental para o sucesso do ritmo no período de sua consolidação como o principal gênero da música brasileira. Devido ao sucesso alcançado, a Rádio Nacional até lançou, no ano de 1951, o programa *No Mundo do Baião*, com apresentação dos compositores e parceiros de Luiz Gonzaga, Humberto Teixeira e Zédantas. Referindo-se ao seu êxito do baião em São Paulo, entre meados de 1940 e 1950, Ferretti (1988, p. 69) mostra que 90% das execuções musicais eram baiões e os 10% restantes se incluíam sambas e ritmos estrangeiros.

Neste sentido, observa Dreyfus (1996, p. 158), Luiz Gonzaga, primeiro produto da cultura nordestina, tinha se tornado um “fenômeno de massa, comparável, num nível nacional, aos futuros Elvis Presley e Beatles”. Embora participasse ativamente no rádio, a produção artística de Luiz Gonzaga visava também o disco, com o objetivo de divulgar a sua música. Portanto, a indústria fonográfica, teve fundamental importância na carreira do compositor, pois onde o rádio não tinha alcance, a sua música era ouvida através dos discos. Dreyfus também mostra a relação da história de Luiz Gonzaga com a indústria cultural, ao observar que o sanfoneiro havia mudado o curso da história da música brasileira.

### **O encontro com Luiz Gonzaga e os primeiros passos no Sudeste**

Entre os diversos artistas que Luiz Gonzaga apoiou está a cantora Marinês (Inês Caetano de Oliveira). O encontro dos artistas aconteceu no ano de 1955, na cidade de Propiá, no Estado de Sergipe, na inauguração de um busto em homenagem a Gonzaga (DREYFUS, 1996, p. 196). Na época, Marinês cantava na “Patrulha de Choque do Rei do Baião”, grupo formado por Marinês, o sanfoneiro Abdias (seu marido) e o zabumbeiro Cacao, que apresentava um repertório com sucessos de Luiz Gonzaga e Jackson do Pandeiro.

O grupo se apresentava nos cinemas, armazéns e circos e, como Luiz Gonzaga, também vivia fazendo shows de cidade em cidade, inclusive nos circos foi recebendo informações sobre os artistas. Segundo relato de Marinês:

Por volta de 55, Pedro Chaves, o prefeito de Propriá, resolveu fazer um busto de Luiz Gonzaga na praça da cidade, e me convidou para cantar na festa, e para Luiz Gonzaga me conhecer. Nós ficamos no mesmo hotel. Nós chegamos antes dele. Daqui a pouco, veio o carro de som anunciando: Atenção, atenção, acaba de entrar na nossa cidade o grande Luiz Gonzaga!!! Era uma loucura. Mais tarde ele mandou dizer que nós estávamos convidados a almoçar na mesa dele. Isso era muito privilégio. Não era qualquer pessoa que sentava na mesa dele. Eu fui lá e não sabia nem como sentar, de tão encabulada que eu estava. O meu sonho de criança se realizando, eu ao lado de Luiz Gonzaga, olhando para a cara dele! (fala de Marinês apresentada por DREYFUS, 1996, p. 196).

Durante o almoço, Luiz Gonzaga procurou saber a trajetória artística de Marinês, desde as participações nos programas de calouros em Campina Grande até a chegada à “Patrulha de Choque do Rei do Baião”. À tarde, Luiz Gonzaga convidou o casal para o seu apartamento, pois queria saber se Marinês já havia dançado xaxado de parceria com outra pessoa ou somente havia dançado sozinha. Até então, a cantora só havia dançado o xaxado sozinha, mas conforme o combinado no apartamento, no show durante a inauguração do busto, Luiz Gonzaga convidou Abdias e Marinês para o palco e explicou para o público:

Vocês sempre ouviram falar que os cangaceiros dançavam xaxado com o rifle empunhado na mão e o braço erguido para cima... vocês sabem porque eles dançavam assim? Porque não tinham mulher para dançar a dois... prá não perder o embalo, eles dançavam tendo como companheira a sua arma na mão que estava sempre para cima [...] Aí nós fizemos o restante, modéstia à parte, um show de dança. O público foi à loucura. Quando cessaram os aplausos, Gonzaga falou novamente para a multidão: Na minha corte está faltando esta menina, a Rainha do Xaxado (fala de Marinês apresentada por MOYSÉS, 22 de dezembro, 1996, p. 6)

Depois da apresentação em Propriá, Luiz Gonzaga convidou o trio para ir ao Rio de Janeiro e prometeu ajudá-los na carreira artística. Aceitando o convite, o trio de Marinês chegou ao Rio de Janeiro em março de 1956, tendo ficado hospedado na residência de Luiz Gonzaga. A partir daí, Gonzaga começou a cumprir a promessa feita em Propriá e, na primeira apresentação na Rádio Mairynk Veiga, coroou Marinês como a “Rainha do Xaxado”. A faixa foi entregue por Helena (esposa de Luiz Gonzaga) e a coroa veio das mãos de Luiz Gonzaga. Segundo relato da cantora Marinês (em DREYFUS, 1996, p. 196), Luiz Gonzaga estava precisando de uma rainha para o xaxado, porque já tinha no reinado a “Rainha do Baião” – Carmélia Alves – e a “Princesinha” – Claudete Soares.

Na seqüência, Luiz Gonzaga levou Marinês para o programa da Rádio Tupi, Kaleidoscópio, e quando já tinha concluído a divulgação da artista, resolveu incluí-la, com o sanfoneiro Abdias, ao grupo “Luiz Gonzaga e seus Cabras da Peste”. O conjunto formado por Luiz Gonzaga, Marinês, Abdias, Zito Borborema e Miudinho fez muito sucesso e, nesse mesmo ano de 1956, Marinês entrou em estúdio pela primeira vez, numa participação especial com Luiz Gonzaga, na música intitulada *Mané e Zabé*. Porém, mesmo com o sucesso do grupo, a parceria foi desfeita e Marinês voltou a cantar com seu trio – Marinês, Abdias e Cacau –, agora denominado “Marinês e Sua Gente”.

### **De locutora a cantora de rádio: o início na Voz da Democracia**

O talento de Marinês foi descoberto logo cedo, interpretando um gênero musical romântico e na primeira vez que se apresentou, no programa de calouros da difusora Voz da Democracia, no bairro da Liberdade, onde morava em Campina Grande (Paraíba), ganhou o prêmio de primeiro lugar cantando a música *Fascinação*. Eleita pelas palmas do público, que se concentrava na frente da rádio, levou para casa um sabonete Eucalol – era o início de uma carreira de meio século, divulgando os ritmos nordestinos chamados de forró.

O interesse pela música surgiu ainda quando criança, ouvindo o programa Cartão Sonoro – horário onde a pessoa oferecia para outra uma determinada canção – na difusora Voz da Democracia, em Campina Grande. A partir desse contato diário com a música, Marinês começou a se interessar pelas canções que ouvia, com mais destaque as de Luiz Gonzaga. As músicas que mais atraíam a atenção da caloura na época eram: *Asa Branca* (Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira – 1947); *Forró do Mané Vito* (Zédantas e Luiz Gonzaga – 1949); *Qui nem jiló* (Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira – 1950); *Respeita Januário* (Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira – 1950); *Xanduzinha*, (Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira – 1950) e *No Ceará não tem disso* não (Guio Moares – 1950).

A primeira vez que viu Luiz Gonzaga, influência no desenvolvimento de seu estilo, foi em 1950, no comício para escolha do governador da Paraíba, em Campina Grande. Luiz Gonzaga estava animando o comício do candidato Argemiro de Figueiredo e do candidato a senador pela UDN Pereira Lyra, que encomendaram a ele e Humberto Teixeira a música da campanha, chamada *Paraíba*. Nessa época a fã de Luiz Gonzaga já cantava todo o seu repertório.

Marinês era de família simples e fez o jardim de infância no Instituto São Vicente de Paulo. O primário nos grupos Clementino Procópio e Sólon de Lucena. Na década de 1950, tentou fazer o ginásio no Colégio das Damas, frequentado pela classe média de Campina Grande, porém deixou os estudos no primeiro ano por falta de dinheiro. Mas, como tinha garra e conhecimento do seu potencial vocal, engajou-se na *Voz da Democracia*, no bairro da Liberdade, assumindo o papel de locutora.

Através de convite dos proprietários, Hilton Motta e José Jatahi, passou a trabalhar na difusora *A Voz de Campina Grande*, como locutora. Entretanto só entrou no mundo da música em 1951, quando assinou contrato com a Rádio Cariri através do apoio do compositor Rosil Cavalcanti e do diretor da emissora, Arnaldo Leão. A primeira música cantada na Rádio Cariri foi o bolero *Dez Anos*, número integrante do seu repertório romântico.

Marinês atraiu a atenção dos diretores da Rádio Borborema e foi contratada para seus programas de auditório, em 1952. No mesmo ano, a rádio também contratou o sanfoneiro paraibano Abdias Farias, natural da cidade de Taperoá, com quem a cantora casou-se dois anos depois e teve o filho Marcos Farias, conhecido no meio artístico como Marquinhos.

A cantora tinha aspirações mais ambiciosas do que a grande maioria dos artistas da casa e a convicção de que, com Abdias como parceiro de trabalho, poderia fazer muito sucesso pelo país e ganhar dinheiro. Então, no dia 30 de abril de 1954, a dupla rescindiu contrato com a Rádio Borborema e recebeu em seguida convite para integrar o cast da Rádio Difusora de Alagoas (RDA), antigo lar artístico de Abdias. Ao chegar à RDA, os artistas ganharam da apresentadora Odete Pacheco o nome de "Casal da Alegria" e, em seguida, começaram a fazer shows pelo interior do Estado, e ganhando espaço também em outras cidades do Nordeste. Segundo Moysés:

A partir do momento que deixou Campina Grande, a dupla de artistas passou a formar uma unidade musical – com Abdias tocando sanfona e Marinês cantando e dançando. Apresentavam um repertório eclético, onde entrava seresta, MPB e uma fatia de peso maior para a música nordestina. (MOYSÉS, 8 de dezembro, 1996. p. 6)

Com as apresentações nas cidades do interior e o sucesso na RDA, os convites começaram a surgir para o "Casal da Alegria". Entre eles, da Rádio Iracema em Fortaleza, no Estado do Ceará, para uma temporada de apresentações no programa Irapuam Lima.

Durante a excursão, foram procurados pela direção para assinar contrato com a emissora, e assim deixaram a RDA, em Alagoas. Entretanto, Marinês e Abdias alimentavam outras aspirações, pois os salários eram irrisórios e mal davam para as despesas. Então encontraram, em Fortaleza, o terceiro integrante para a “Patrulha de Choque Rei do Baião”: Cacau.

Depois de formar o grupo, ainda em 1954, os artistas rescindiram o contrato com a Rádio Iracema, montaram o trio com um repertório de sucessos de Luiz Gonzaga e Jackson do Pandeiro e colocaram o pé na estrada em busca de trabalho. O projeto tinha como meta principal realizar apresentações em todos os Estados do Nordeste, cidade por cidade. Segundo relato de Marinês:

Quando a gente chegava na cidade procurava saber se existia cinema...Quando existia a casa de projeção, de espetáculos, nós entrávamos em contato com o gerente para negociar a nossa apresentação. Quando não tinha cinema, nós alugávamos um armazém grande para fazer o show (fala de Marinês apresentada por Moysés, 8 de dezembro, 1996, p. 6).

Conforme Moysés (1996, p. 6), muitos já diziam: “a moça é o Luiz Gonzaga de Saia”. Diziam outros que eles são excelentes, cantam tocam e dançam com muita graça. Foi então que Gonzaga, na cidade de Própria, em Sergipe, por ocasião da inauguração do busto em sua homenagem, resolveu conhecer o grupo como apresentamos no item anterior. A partir desse encontro, Marinês tornou-se afilhada dele, e foi incluída no grupo de Gonzaga, no entanto, apenas no ano de 1956. Segundo informações da própria cantora, a parceria com o “Rei do Baião” chegou ao fim por causa do ciúme de Helena, esposa de Luiz Gonzaga:

Eu era louca pelo rei, pela pessoa dele, como pessoa e como artista. Eu tinha por ele uma verdadeira veneração, por tudo que vinha fazendo por mim, que vinha do espírito, da alma. Nunca me passou a ideia de trair Helena, a pessoa que me recebeu em sua casa e me deu apoio incondicional. O meu amor por Gonzaga era amor de gratidão [...] jamais passou pela minha cabeça deitar numa cama com o meu padrinho artístico, de casamento e que depois veio a ser meu compadre, quando o meu filho Marquinhos nasceu. Além do mais eu era como marimba de gogó: mulher de um homem só. Eu andava com meu marido pra tudo que era lugar. (fala de Marinês, apresentada por MOYSÉS, 19 de janeiro, 1997, p. 6)

Mesmo não mais integrando o grupo “Luiz Gonzaga e Seus Cabras da Peste”, formado quando Marinês chegou ao Rio de Janeiro, ao lado de Abdias, a cantora continuou

tendo contato com o “Rei do Baião” e seguindo as orientações nas suas apresentações, reforçando o estereótipo de “Rainha do Xaxado” e “Luiz Gonzaga de Saia”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O forró é um estilo musical de grande aceitação no rádio, especialmente na região Nordeste, principalmente por conta de artistas como Marinês (Maria Inês Caetano de Oliveira) que contribuiu para sua disseminação no Brasil e no mundo. No decorrer de 50 anos de carreira, Marinês sempre simbolizou nas letras de suas músicas, tradições e outros aspectos regionais ajudando a construir a representação do Nordeste. Ela foi uma das primeiras cantoras a assumir a nordestinidade, representada pelo chapéu e a jaqueta de couro, o triângulo e a dança regional, cantando as dores e os amores do povo da região.

Mesmo mantendo a vertente do forró tradicional podemos dizer que Marinês acompanhou a modernidade e a exigência do mercado fonográfico e interpretou outros ritmos que vão do carimbó ao romântico, sem esquecer é claro, o seu estilo predominante, o forró tradicional. No início da carreira no rádio e no palco apresentava-se de vestido simples, mas por orientação do seu padrinho Luiz Gonzaga mudou a vestimenta caracterizando-se como símbolo da cultura popular do Nordeste.

Gravou com Dominginhos, Elba Ramalho, Lenine, Nando Cordel, Gilberto Gil, Zé Ramalho, Genival Lacerda e com Luiz Gonzaga, forrozeiro com quem no início da carreira fez parceria, recebendo influência para a sua trajetória. Nos seus vários anos de carreira nunca perdeu o prestígio, apesar de ter se distanciado das gravadoras e do palco várias vezes. Os modismos e os novos ritmos desviaram a atenção do público, mas a “Rainha do Xaxado”, nunca teve seu brilho diminuído. Quando morreu em 14 de maio do ano de 2007, tinha uma carreira consolidada, pois seu trabalho atravessou barreiras e foi reconhecido e apreciado por um público de todas as idades e pela mídia local e nacional. Era a representação do Nordeste cantando sua história.

Como “Rainha do Xaxado”, Marinês desenvolveu uma produção permeada pela temática da migração, que provoca deslocamentos do sujeito e da identidade nordestina, ou seja, o local se deslocando-se para o nacional e o rural para o urbano, mas sempre focando nas letras da sua música a tradição e os costumes da região. A cantora parte do lugar de origem, da terra onde nasceu, viveu e morreu, o Nordeste, e ergue com suas canções a

representação da região e do homem nordestino, chamando a atenção para os problemas, mas também mostrando a diversidade cultural, da terra das festas, danças e comidas típicas.

Por fim, para qualquer região a divulgação de sua cultura, seja através da literatura, da pintura, do teatro ou da música, é importante, e os nordestinos detentores de uma das culturas mais diversificadas do país, devem agradecer a todos que, de alguma forma, contribuem para essa divulgação, leia-se aqui a cantora Marinês.

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez, 1999

ANJOS, Moacir dos. **Local/global: arte em trânsito**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005

DREYFUS, Dominique. **Vida do viajante: a saga de Luiz Gonzaga**. São Paulo: Editora 34, 1996

DOURADO, Autran. **Dicionário de termos e expressões da música**. São Paulo: Editora 34, 2004

FERRETTI, Mundicarmo Maria Rocha. **Baião dos Dois: Zédantas e Luiz Gonzaga**. Recife: Massangana, 1988.

Marcondes, Marcos Antonio. **Enciclopédia da Música Brasileira**. São Paulo: Art Editora, Publifolha, 1988

MONTEIRO, Ricardo de Castro. As muitas vozes da canção: uma análise de Yesterday. IN: LOPES, Carlos Ivã, HERNANDES, Niltos (Orgs). **Semiótica: objetos e práticas**: São Paulo: Contexto, 2005

SANTOS, José Farias. **Luiz Gonzaga: a música como expressão do Nordeste**. São Paulo: IBRASA, 2004

SANTOS, Nara Limeira Ferreira dos. **Mulher, sim senhor – um estudo sobre a representação feminina no forró**. 2001, 142 f. Dissertação (mestrado - Literatura e Cultura) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, 2001

SILVA, Claudeci Ribeiro da. **A representação do Nordeste nas letras das músicas de Marinês**. 2009. Dissertação (mestrado -Literatura e Interculturalidade) – Departamento de Letras e Artes, Universidade Estadual da Paraíba, 2009

SILVA, Expedito Leandro. **Forró no asfalto: mercado e identidade sociocultural**. São Paulo: ANALUBE, 2003

SILVA, Erotilde Honório; HONÓRIO, Régia Chaves. **Dança e canção na indústria cultural: o forró no discurso midiático**, 2004

CANTORAS BRASIL: **Marinês**. Disponível em:  
<[http://br.geocities.com/cantoras\\_brasil/cantoras/marines.htm](http://br.geocities.com/cantoras_brasil/cantoras/marines.htm)>. Acesso em: 1 set. 2015

CLICK MUSIC: **Marinês**: Disponível em  
<<http://www.cliquemusic.com.br/artistas/marines.asp>> Acesso em: 29 de fev.2016

RIBEIRO, Noaldo. **Marinês canta a Paraíba**. FIC Augusto dos Anjos, 2005

MOYSES, José. **Marinês e Sua Gente 45 anos de carreira**. Diário da Borborema. Campina Grande, 1996. Terceiro caderno, p. 6

MOYSES, José. **Marinês e Sua Gente 45 anos de carreira**. Diário da Borborema. Campina Grande, 1997. Terceiro caderno, p. 6

MOURA, Fernanda. **MARINÊS: Conheça a verdadeira história da Rainha do Xaxado!** “EU JÁ NASCI CANTANDO, MEU PRIMEIRO CHORO FOI UMA MÚSICA!”. Disponível em <<http://www.cordelcampina.com.br>>. Acesso em: 15 jun. 2008.